

ARTIGO

José Arraes

josearraes@terra.com.br

Carta aberta ao senhor Junji Abe



Caríssimo vereador, presidente sindical, prefeito, deputado estadual e federal, permita-me dirigir-lhe outra vez uma missiva, desta vez, de forma pública.

Sou contemporâneo do senhor na mogianidade, do mesmo tempo que foram rasgados os destinos rodoviários para a Dutra e Bertioga, da descoberta do Taboão, da consolidação legal no Plano Diretor, da destinação do Luzia de Pinho Melo como referência regional, da implantação do Aruã, da expansão de Jundiapéba, Jardim Universo, Aeroporto I, II e III, Braz Cubas, do planejamento para o pontapé inicial do desenvolvimento de César de Souza, Botujuru, Jardim Camila e Real Park e toda uma ebulição "bandeirante" de paulistanos para ocupar os nossos ares unedecidos pela Serra do Itapety e Mata Atlântica.

Somos do mesmo tempo da descoberta da necessidade de cuidar dos nossos recursos hídricos, fui o vice-presidente quando o senhor foi o primeiro presidente do Subcomitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê/Cabeceiras e, fui ainda, coetâneo do senhor como membro titular do Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê.

Somos do tempo da "briga" feita contra a implantação do aterro sanitário planejado pela Queiroz Galvão. Fui um dos indicados pelo senhor para compor a comissão especial, criada

para discutir as manobras jurídicas e sociais do embate desigual contra a empreiteira e outras diversas "forças" do município. Estava entre os que o "infernizaram" para a desativação do "lixão da Volta Fria".

E, para não dizer que não falei de flores, fui durante todos os anos de seu mandato mogiano, presidente da Associação dos Amigos do Bairro do Mogilar que, parece, poucos atuais moradores sabem o quanto o bairro de hoje tem a ver com os fundamentos decididos naquelas épocas, como o desassoreamento do rio Tietê, a "descoberta" e a retomada da ilha Marabá.

Não podia deixar, então, como participe temporário do senhor, ao vê-lo agora novamente um simples cidadão, garantir-lhe que uma boa parcela de mogianos reconhece a sua passagem pelo nosso destino público.

Gosto muito de reler um livro bíblico chamado "Eclesiastes" que ensina que todas as coisas "têm o seu tempo": tempo para nascer, morrer, plantar, colher, destruir, edificar, chorar, rir, calar, falar.

E o melhor e mais auspicioso, o tempo para espalhar as pedras e tempo de ajuntá-las.

Bem-vindo, senhor cidadão, ao tempo da contemplação participativa. Um forte abraço.

José Arraes é presidente do ICATI (Instituto Cultural e Ambiental Alto Tietê)